

CARMENSOUZA
carmensouza.df@dabr.com.br

PRETOS NO TOPO



Lições das RAINHAS



Ilustração Amanda Cintra

*A historiadora Mariana Bracks Fonseca (**foto**) ginga com uma rainha africana há pelo menos 14 anos. Foi quando ela iniciou um mestrado para contar a história de Njinga (**ilustração**), uma poderosa governante dos reinos de Ndongo e de Matamba, situados na região atual de Angola. "Essa história da Njinga é inspiradora porque destrói vários estereótipos: de que o africano é inferior, perdeu todas a guerras, se comprometeu porque era interesseiro, era só um fantoche, não tinha capacidade de pensar estratégias", diz a professora da Universidade Federal de Sergipe.*

Mais recentemente, Bracks se dedicou a contar a força do matriarcado em outros reinos do continente, o que resultou no livro-arte Poderosas rainhas africanas (Ancestre Editora), lançado em junho de 2021, e em um curso ministrado para mães de santos, quilombolas e líderes comunitárias brasileiras. "Eu sentia que eram as filhas daquelas rainhas que estavam ali", conta. Elas também. Confira esse roteiro inspirador detalhado à Pretos no topo.

Como as pessoas reagem ao ouvir histórias de rainhas africanas tão poderosas?

Desde 2008, estudo a história de uma dessas rainhas, a Njinga. Fiz mestrado e doutorado e um trabalho mais recente com outras rainhas. Sempre que falo delas, as pessoas se surpreendem. Dizem: "Nossa, uma mulher africana governando?". E é isso. Quanto mais eu estudo, mais vejo que elas não são exceção. Esse é um traço das sociedades africanas pré-coloniais, caracterizadas pelo matriarcado, que é uma forma de organização social que se contrapõe ao patriarcado ocidental europeu. Agora, estamos estudando essas histórias e entendendo o quanto as mulheres foram protagonistas dos processos históricos africanos. No livro, eu trouxe 30 delas, mas poderiam ser mais de 300.

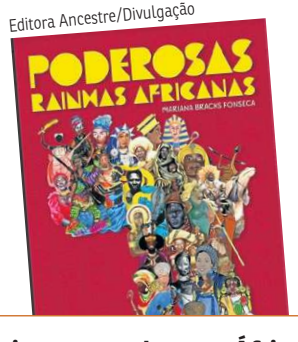
O que fez com que essa configuração fosse mudando ao longo do tempo?

Alguns estudiosos entendem que o colonialismo virou essa chave. A imposição de um sistema colonial, já no século 19, tirou a mulher das posições de poder. O Cristianismo e o Islamismo também foram fatores que reverteram o legado da mulher. As narrativas cristãs não trazem o conceito de equilíbrio entre o masculino e o feminino, que era a base filosófica dos estados pré-coloniais africanos. A Sharia, a lei Islâmica, é patriarcal. Meus estudos indicam que, bem antes disso, a adoção do monoteísmo "do Deus de Israel", em contraposição aos sistemas espirituais africanos repletos de divindades femininas, alterou o poder feminino na região da Etiópia. A história de Makeda, a famosa rainha de Sabá, no século 10 a.C., é um exemplo da transição para o comando masculino. Por outro lado, as mulheres nunca perderam de fato todo o poder. Na África do Sul, por exemplo, hoje, as pessoas pagam tributos para a rainha Modjadji mandar chuvas. Há vários povos que acreditam nesse poder. É um poder espiritual, mas exerce influência em todos os campos da vida social. Importante pensar como poderes políticos, espirituais e econômicos são entrelaçados na África. Essa divisão de poder político, econômico, espiritual e econômico é muito mais das sociedades europeias. As africanas são holísticas. Está tudo junto, tudo é história, música, religiosidade, política. Todo chefe político é coroado pela ancestralidade. Não dá para trazer as caixinhas ocidentais e projetar nas sociedades africanas.

Arquivo Pessoal



Editora Ancestre/Divulgação



"Precisamos conhecer a África rica, poderosa, vencedora, pois isso faz parte da história da humanidade"

Isso também surpreende..

A surpresa vem da nossa base da educação. Não aprendemos essas histórias, elas foram silenciadas. A gente já associa o poder aos homens brancos quando pensamos em grandes reis e agentes políticos. Não reconhecemos uma mulher negra em posições de poder. Ao contrário, a escrita oficial da história as apresenta como triplamente desmerecidas: por raça, classe e gênero. Isso faz com que a sociedade, de forma geral, associe a mulher preta ao sofrimento, à opressão, à violência, como se fosse "natural", "sempre foi assim". Mas quando olhamos com profundidade para a história da África, percebemos outras realidades. As mulheres não são naturalmente inferiores, como faz crer o pensamento europeu. As mulheres, desde os primórdios, governaram sociedades, eram ouvidas em decisões públicas e privadas, eram honradas